



#CONQUISTANOESTUDO ▪ #DIA3SEMANA4

ENSINO MÉDIO ▪ 2º ANO

# HISTÓRIA

## AÇÃO COLONIZADORA PORTUGUESA NA AMÉRICA

# #Conteúdo

## Objetivos

- compreender o conceito de “colonização”;
- identificar motivações expansionistas e colonizadoras portuguesas;
- compreender o sentido da colonização portuguesa no Brasil;
- analisar documento de época.

***#PartiuColonizaçãoPortuguesaCQT***

## #Conteúdo

O ensino de História deve proporcionar ao aluno a possibilidade de inquietar-se diante dos conteúdos e de ter curiosidade investigativa diante de textos e diferentes documentos. Como estudantes, devemos relacionar a aprendizagem escolar com nossas próprias experiências de vida. Na condição de internauta, consumidor, integrante de uma família e de uma sociedade – somos todos sujeitos históricos.

Nesse sentido, pode-se dizer que o processo de colonização do Brasil proporcionou ao nosso país uma diversidade cultural e populacional bastante complexa. A origem do nosso povo trouxe características possíveis de serem vistas ainda nos dias de hoje e que, como são aspectos já incorporados à nossa cultura, permanecerão por tempo indefinido.

Videoaula para ajudá-lo:

<https://www.youtube.com/watch?v=Vjnquqt6JN8>

## #Conteúdo

Colonialismo pode ser definido como um conjunto de atitudes políticas, econômicas e militares que visam à aquisição de territórios coloniais por meio da conquista e do estabelecimento de colonos. Os séculos XV e XVI foram o período do auge do colonialismo. Os europeus, principalmente portugueses e espanhóis, colonizaram o continente americano. É muito comum que ocorra, no processo de colonialismo, a aplicação da cultura dos colonizadores na região colonizada.

Para saber como aconteceu a colonização portuguesa no Brasil, leia com atenção os dois capítulos iniciais da obra *História do Brasil*, do historiador Boris Fausto:

[https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20\(Col%F4nia\).pdf](https://www.intaead.com.br/ebooks1/livros/hist%F3ria/12.Hist%F3ria%20do%20Brasil%20-%20Boris%20Fausto%20(Col%F4nia).pdf)

## #ParaSaberMais

Padre Manuel da Nóbrega foi um dos primeiros jesuítas a pisar na América e veio com a missão de organizar uma administração para a nova terra e criar uma cidade para ser capital. Assim, ele fundou Salvador e, mais tarde, o colégio São Paulo, no interior do país. Observe o quadro da 1ª Missa no Brasil, de Victor Meirelles, considerado um tesouro icônico brasileiro. Como é o cenário retratado na pintura? Quais pessoas compõem o cenário? Como você pode diferenciar essas pessoas?



Considerando tudo o que estudamos até aqui, busque a palavra “colonização” no dicionário e registre no caderno o significado encontrado.

Procure entender essencialmente o significado da palavra. Em seguida, reflita sobre o que é ser colonizado e responda no seu caderno às questões a seguir.

- 1) Como, nos dias de hoje, reconhecemos um país que foi colonizado por outro, no passado?
- 2) Quais são as marcas deixadas pela nação colonizadora na nação colonizada?
- 3) Quais são as diferenças nas condições de vida num país colonizador em relação à vida num país colonizado?

**Não deixe de enviar as respostas para o seu professor de História!**

Temos mais uma tarefa pela frente! Você poderá ler, na sequência, um fragmento da Carta de Pero Vaz de Caminha. Depois, responda no seu caderno às questões a seguir, referentes a esse documento.

- 1) Como Pero Vaz de Caminha descreve os nativos que viviam no Brasil?
- 2) Essa descrição revela algum preconceito em relação à forma de vida desses nativos? Justifique.
- 3) Quais as impressões de Pero Vaz de Caminha acerca das qualidades da nova terra?
- 4) Quais as intenções reveladas pelo autor do documento para essa terra?
- 5) Interprete a passagem “o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente.”

“Senhor,

posto que o Capitão-mor desta Vossa frota, e assim os outros capitães escrevam a Vossa Alteza a notícia do achamento desta Vossa terra nova, que se agora nesta navegação achou, não deixarei de também dar disso minha conta a Vossa Alteza, assim como eu melhor puder, ainda que – para o bem contar e falar – o saiba pior que todos fazer!

[...]

A feição deles é serem pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem cobertura alguma. Nem fazem mais caso de encobrir ou deixa de encobrir suas vergonhas do que de mostrar a cara. Acerca disso são de grande inocência. Ambos traziam o beijo de baixo furado e metido nele um osso verdadeiro, de comprimento de uma mão travessa, e da grossura de um fuso de algodão, agudo na ponta como um furador. Metem-nos pela parte de dentro do beijo; e a parte que lhes fica entre o beijo e os dentes é feita a modo de roque de xadrez. E trazem-no ali encaixado de sorte que não os magoa, nem lhes põe estorvo no falar, nem no comer e beber.

Os cabelos deles são corredios. E andavam tosquiados, de tosquia alta antes do que sobre-pente, de boa grandeza, rapados todavia por cima das orelhas. E um deles trazia por baixo da solapa, de fonte a fonte, na parte detrás, uma espécie de cabeleira, de penas de ave amarela, que seria do comprimento de um coto, mui basta e mui cerrada, que lhe cobria o toutiço e as orelhas. E andava pegada aos cabelos, pena por pena, com uma confeição branda como, de maneira tal que a cabeleira era mui redonda e mui basta, e mui igual, e não fazia míngua mais lavagem para a levantar.

O Capitão, quando eles vieram, estava sentado em uma cadeira, aos pés uma alcatifa por estrado; e bem vestido, com um colar de ouro, mui grande, ao pescoço. E Sancho de Tovar, e Simão de Miranda, e Nicolau Coelho, e Aires Corrêa, e nós outros que aqui na nau com ele íamos, sentados no chão, nessa alcatifa. Acenderam-se tochas. E eles entraram. Mas nem sinal de cortesia fizeram, nem de falar ao Capitão; nem a alguém. Todavia um deles fitou o colar do Capitão, e começou a fazer acenos com a mão em direção à terra, e depois para o colar, como se quisesse dizer-nos que havia ouro na terra. E também olhou para um castiçal de prata e assim mesmo acenava para a terra e novamente para o castiçal, como se lá também houvesse prata!

[...]

Parece-me gente de tal inocência que, se nós entendêssemos a sua fala e eles a nossa, seriam logo cristãos, visto que não têm nem entendem crença alguma, segundo as aparências. E portanto se os degredados que aqui hão de ficar aprenderem bem a sua fala e os entenderem, não duvido que eles, segundo a santa tenção de Vossa Alteza, se farão cristãos e hão de crer na nossa santa fé, à qual praza a Nosso Senhor que os traga, porque certamente esta gente é boa e de bela simplicidade. E imprimir-se-á facilmente neles qualquer cunho que lhe quiserem dar, uma vez que Nosso Senhor lhes deu bons corpos e bons rostos, como a homens bons. E o Ele nos para aqui trazer creio que não foi sem causa. E portanto Vossa Alteza, pois tanto deseja acrescentar a santa fé católica, deve cuidar da salvação deles. E prazerá a Deus que com pouco trabalho seja assim!

#MÃO NA MASSA



Eles não lavram nem criam. Nem há aqui boi ou vaca, cabra, ovelha ou galinha, ou qualquer outro animal que esteja acostumado ao viver do homem. E não comem senão deste inhame, de que aqui há muito, e dessas sementes e frutos que a terra e as árvores de si deitam. E com isto andam tais e tão rijos e tão nédios que o não somos nós tanto, com quanto trigo e legumes comemos.

[...]

Esta terra, Senhor, parece-me que, da ponta que mais contra o sul vimos, até à outra ponta que contra o norte vem, de que nós deste porto houvermos vista, será tamanha que haverá nela bem vinte ou vinte e cinco léguas de costa. Traz ao longo do mar em algumas partes grandes barreiras, umas vermelhas, e outras brancas; e a terra de cima toda chã e muito cheia de grandes arvoredos. De ponta a ponta é toda praia... muito chã e muito formosa. Pelo sertão nos pareceu, vista do mar, muito grande; porque a estender olhos, não podíamos ver senão terra e arvoredos – terra que nos parecia muito extensa.

Até agora não pudemos saber se há ouro ou prata nela, ou outra coisa de metal, ou ferro; nem lha vimos. Contudo a terra em si é de muito bons ares frescos e temperados como os de Entre-Douro-e-Minho, porque neste tempo d’agora assim os achávamos como os de lá. Águas são muitas; infinitas. Em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo; por causa das águas que tem!

Contudo, o melhor fruto que dela se pode tirar parece-me que será salvar esta gente. E esta deve ser a principal semente que Vossa Alteza em ela deve lançar. E que não houvesse mais do que ter Vossa Alteza aqui esta pousada para essa navegação de Calicute bastava. Quanto mais, disposição para se nela cumprir e fazer o que Vossa Alteza tanto deseja, a saber, acrescentamento da nossa fé!

E desta maneira dou aqui a Vossa Alteza conta do que nesta Vossa terra vi. E se a um pouco alonguei, Ela me perdoe. Porque o desejo que tinha de Vos tudo dizer, mo fez pôr assim pelo miúdo. E pois que, Senhor, é certo que tanto neste cargo que levo como em outra qualquer coisa que de Vosso serviço for, Vossa Alteza há de ser de mim muito bem servida, a Ela peço que, por me fazer singular mercê, mande vir da ilha de São Tomé a Jorge de Osório, meu genro – o que d’Ela receberei em muita mercê.

Beijo as mãos de Vossa Alteza. Deste Porto Seguro, da Vossa Ilha de Vera Cruz, hoje, sexta-feira, primeiro dia de maio de 1500.

Pero Vaz de Caminha.”

## #Entretenimento

Para aumentar ainda mais o seu entretenimento com aprendizado, prepare a pipoca, convide sua família e assista ao pequeno documentário que trata do português Fernão Barreto, que foi um senhor de Engenho no Rio de Janeiro em 1580.

Para a produção de açúcar, contava com 50 peças de escravos, todos “negros da terra”, ou seja, índios. Uma nova safra de cana-de-açúcar está pronta para ser moída e, como é de costume, Barreto espera a chegada do padre que irá benzer o moinho para dar início ao trabalho. O atraso do religioso deixa Barreto apreensivo, pois as tribos do entorno têm promovido constantes ataques ao engenho e o clima na região é tenso. Enquanto aguarda, Barreto conversa com Lopes Magalhães, um mercador de escravos português (da Ilha da Madeira) que veio lhe oferecer algumas peças de negros de Angola. Magalhães tenta convencer Barreto de que os africanos são melhores escravos do que os índios.

O vídeo está disponível no *link*:

<https://www.youtube.com/watch?v=zpNr6KKH8d8>